



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 23 de Agosto de 2014 • Ano LXXI • N.º 1838 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

Rapazes de Moçambique



MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

MEU Deus tantas coisas tenho a agradecer. Os nossos rapazes, alguns tão mimosos que encantam. Porque temos tantos? É uma pergunta que profana o amor de Deus, porque se Ele é amor, são o doce amor de Deus por esta Casa acolhedora. Isto nos liberta de amarguras que outros nos causam e nos dá a paz que em tantos momentos do dia precisamos. Somos uma semente de justiça para eles e, por isso, colhemos a paz. E neste país onde há pelo menos seis milhões de crianças, mais de metade vítimas de injustiça paterna, familiar e social somos pelo menos um fermento. Ainda ontem, apareceu um, há anos aqui chegado como refugiado do Congo. Estudou e voltou ao seu lugar de origem. Estava agora como intérprete de engenheiros espanhóis que ali faziam pesquisa de carvão. Ele fala francês, português, inglês, suaíli como língua materna, creio que árabe, pois o pai preside a uma mesquita, e agora espanhol. Rebentou a guerra onde estava, os engenheiros foram-se embora e passando por vários países voltou a esta Casa onde, desde quando aqui estive é para ele um lugar seguro. É tal aventura, que até chegamos a desconfiar de tantas andanças para chegar novamente aqui. De qualquer modo é um testemunho eloquente de quem procura a paz. Quem aqui chega quer logo saber se pode adoptar. Por norma leva um no fim de semana, com a recomendação de estar de volta no Domingo à noite e de não lhes dar muitos mimos. Vai haver choros escusados para nós e quem quer adoptar. Há porém carinhos que não podemos evitar. Está a equipa de dentistas que “a Moçambique Sur” manda todos os anos. Este o primeiro de dezasseis, em que não pode vir o Dr. Manoel Oyos, o primeiro a procurar-nos. Ora os mais pequeninos choram com medo, dificultam o trabalho e recebem mimos dobrados. E claro, os nossos dentistas não têm horas para comer. Hoje Domingo, nove da noite, ainda não subiram ao refeitório. Ao meio dia nunca estão; só pelas duas horas aparecem, à noite ao despedirem-se para dormir todos os pequeninos vêm dar-lhes e receber beijos e mais beijos. É um caso muito sério nesta Casa, porque antes de aqui chegarem nunca os receberam nem de mãe nem de pai que nem chegaram a conhecer. Eles, os desalojados do coração da mãe, vêm encontrar aqui o que na raiz do ser lhes faltou. Há um especial, o Argentino. Vem com meio sorriso, os lábios em súplica, os braços estendidos, a pedir um beijo. Não sei se quer dar ou receber. Ambas as coisas. Vai a todos os que estiverem à mesa. No fim sobe para os braços do chefe que o leva ao colo, ou nas cavalitas para a sua caminha. O pior é que nem sempre está com sono e não dá sossego aos outros. Num destes dias, às onze da noite, o quarto estava em alvoroço. Ele pula, ele ri, ele canta e dança. Tem só três anos e foi necessário a Mãe levantar a sandália, para todos dormirem em paz. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

QUANDO já não se aguenta nem com «um gato pelo rabo», o melhor mesmo é ir fazer repouso absoluto. Foi o que eu vim fazer. Graças a Deus que o nosso Padre Telmo estava por perto, disposto a ajudar e a dar-me esta possibilidade de descansar, assumindo o lugar de serviço.

Estes, são lugares que não são mais difíceis nem mais fáceis que qualquer outro; são à medida de cada um. Todos os órgãos do corpo humano trabalham, embora pareça que uns mais que outros. No corpo eclesial e social de que somos membros, realizamos uma missão, procurando seguir as orientações da Cabeça que tudo faz para que ele seja um corpo harmonioso, isento de membros sujeitos ao desprezo e ao abandono.

Esta é uma tarefa nunca acabada. Para isso, à medida que uns membros vão ficando incapazes pelo cansaço ou pelo envelhecimento natural, é necessário que venham outros, com energia e vontade de servir, para os complementar ou substituir.

Sabemos que quem governa este corpo, nunca se faz ausente dele mas, pela Sua Presença-Providência, antecipa-Se ao momento em que é preciso agir, preparando o futuro convenientemente. Vimos este agir na nossa própria vida e percebemos-la em outras. Assim, confiamos que agirá da forma que conhece como a mais conveniente, perante a realidade que nos envolve.

Os tempos, em que decorre a nossa vida, não são mais fáceis que todos os outros que nos precederam. Uns mais felizes que outros, estou em crer, porque a felicidade e a alegria não dependem daquilo que se tem mas sobretudo daquilo que se é. E, se dissermos que os tempos de hoje valorizam mais o que se tem

do que o que se é, humanamente falando, então poderemos tirar as devidas conclusões sobre a maior ou menor alegria que envolve a actualidade da vida de cada um e dos agregados sociais.

Outras, muitas mais, diferenças os distinguem. Se mais ricos e desenvolvidos em muitos quadrantes da vida, muito mais pobres e decrépitos em valores humanos, como é comum dizer-se. Isto quer dizer que o ser humano se tem descuidado consigo mesmo, na ânsia de chegar cada vez mais alto. Cuidado, pois como diz o provérbio, «quanto mais alto se sobe maior é a queda».

No que nos toca de mais perto, tal como às famílias, Escola e ao convívio social, percebemos o exagero a que se tem chegado no nível de autonomia dado à população mais jovem, através de leis que consubstanciam direitos para quem não tem ainda maturidade para a usufruir. Surgem aqui atropelos, por vezes muito graves, sobre os que têm o direito e o dever de os conduzir até à maturidade, como pais e professores, que se tornam vítimas em vez de orientadores dos que geraram para o mundo ou acompanham no caminho do conhecimento.

É normalmente a falta de bom senso que cria as dificuldades. Este equilíbrio, não o têm os homens em si mesmos pois somos seres em evolução e crescimento. É o Criador que o dá a conhecer, no cuidado que nos presta, com ensinamentos que não estão sujeitos às mudanças próprias do crescimento. Neste, a tentação egocêntrica repete-se, também hoje, lançando para o esquecimento algumas necessidades imperiosas, como a de cuidar dos membros mais fracos da sociedade e, até, a de deixar descendentes em quem se rever e perpetuar.

A vida é uma tarefa inacabada. No mundo está o apelo a continuá-la; com sentido. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Bagadas no chão

COM condições estivais propícias à propagação de doenças em belos e gordos cachos, cuja maturação nos alegrava, ao raiar da aurora de dias incertos deste Agosto, para alguns de merecidas férias, para outros de mais suor e para os demais de *boa vida*, por uma latada abaixo, eis que vimos e lamentamos bagos fendidos. Quantos ainda serão saboreados, sem cair no chão, secos e pisados pelos veraneantes? Há dores que chegam sem previsão, outras com intenção e até por contenção.

Uma delas é o desequilíbrio entre Países e regiões do globo, em que nos mais pobres a natalidade é maior e a injustiça e as guerras são escandalosas. Neste recanto à beira mar, de encruzilhada de culturas, Portugal perdeu na última década cerca de meio milhão de adolescentes e jovens, entre os 15 e os 29 anos, essencialmente devido à quebra demográfica acentuada e à emigração crescente. As tristezas de ninhos vazios e de saídas da Pátria são estigmas que

urge ajudar a curar com medidas corajosas, nomeadamente o incentivo ao emprego jovem. Os jovens vêm adiando constituir família, por múltiplas razões como a instabilidade profissional; e cresce o número daqueles que vivem com os pais até mais tarde.

Neste contexto social e actual, dos filões de acompanhamento simples que nos têm posto à prova, destacam-se pobres e comunidades de emigrantes, em que o desenraizamento e a fecundidade é maior. São situações familiares diversas: famílias monoparentais, uniões de facto, casais separados e recasados, e mães solteiras. Nelas é transversal a precariedade das suas condições de vida. Ao faltar a estabilidade familiar e escassear o emprego, as carências avolumam-se. Contudo, atrevemo-nos a dizer que os pobres, de verdade, pese embora os seus problemas e a sua dignidade coarctada, são afinal uma graça!

Cada novo filho, que vê a luz do dia, é uma grande alegria! E esses encontros vão-nos dando sempre

oportunidade de nos darmos mais. Certa vez, neste Verão pardo, segredaram-nos: — *Olhe as fraldas pra minha filha doente...* No sítio em que as mercámos, ao passarmos na caixa já estavam pagas! E ainda nos segredaram: — *Não leve a mal!* Nesta transfusão de sangue ou comunhão de vidas, há belos sinais de que o caudal da bondade vai circulando incessantemente da Fonte, que é o Sumo Bem. Faz bem a todos os que deles e d'Ele se aproximam, bebendo dessa Água, que corre entre as margens até ao mar. E é nas margens ou periferias que também podemos encontrar verdadeiros sinais para o Caminho. Nessas águas, Pedro foi salvo pelo Mestre. Quem duvida da força impetuosa do Bem, diante das tempestades?...

Uma criança que sorri no colo materno, protector, é sempre uma bênção do Senhor! O ser humano nascente e concreto, real, pode-nos transmitir e abrir para o Amor de Deus, especialmente na sua dependência, fragilidade e debilidade. É uma grandeza única: *Quem receber um menino como este, em Meu nome, é a Mim que recebe.* Isto não é assistência social, mas um sinal do acolhimento e mistério

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — O Verão deste ano tem estado envergonhado, com humidade, o que tem ajudado a evitar os incêndios. A horta tem-nos dado alfaces, feijão-verde, espinafres e couve serrana. Arrancámos as ervas ruins das leiras do cebolo. O tomatal foi atacado pelo mildio. Das fruteiras, temos comido ameixas e pêsegos. Vários cachos das nossas videiras também se estragaram. Os kiwis têm alguns frutos. O milho está uma categoria! Os relvados nos jardins, com o Sr. Pedro e vários Rapazes, foram cortados. Os frangos e as galinhas, das duas capoeiras, foram depenados para as nossas refeições. Os porcos estão grandes.

CONCERTOS — Os dois chuveiros, feitos no edifício a nascente, estavam com problemas e foram arrançados pelo Sr. Emídio; que também consertou as camas e os armários do primeiro andar e do rés-do-chão.

PISCINA — Durante a época balnear, temos tomado banho na nossa piscina e gostamos muito! A água, que vem de um poço nosso, tem de ser bem tratada. A nossa fonte é muito procurada, pois a água, que vem dos nossos montes, é muito boa!

FÉRIAS DE VERÃO — Nas férias escolares, o segundo turno de Rapazes regressou da Praia de Mira a 12 de Agosto. Aos colaboradores que nos acompanharam nesses turnos, o nosso bem hajam! Veio, como é evidente, muita roupa para lavar. Tivemos sempre Missa pelo nosso Padre Manuel. Enquanto estiveram a gozar as suas férias, os que ficaram ocuparam-se nas obrigações e tarefas agrárias. Depois, vários Rapazes puderam visitar alguns parentes, o que também é bom. □

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

FAMÍLIAS — Como já é habitual todos os anos, os nossos rapazes vão passar uma semana a casa dos familiares. É uma semana em que os rapazes desfrutam de passar férias e de matar saudades da sua terra e da sua família. Depois desta semana têm de esperar pelas próximas, que se irão realizar na passagem de ano. Os rapazes quando chegam à nossa Aldeia vêm mais contentes.

ESCOLA — Já andamos a preparar o novo ano escolar. Alguns mudam de escola e outros mudam de ano, muitos já falam que estão ansiosos para começar o novo ano escolar. Só um rapaz reprovou, e os outros têm a felicidade de ir começar com livros novos e coleções novas.

ALDEIA — Alguns dos nossos rapazes estão ocupados de fazer limpeza às nossas ruas, hortas, etc.. Depois da limpeza da nossa Aldeia os rapazes ficam contentes por terem participado e colaborado na limpeza. Assim as coisas ficam mais limpas e asseadas. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O QUE DÁ NÃO CUIDAR-MOS DO NOSSO PRÓXIMO

— Seria importante que o que está a acontecer num grande grupo financeiro do nosso país e já aconteceu noutros no passado pudesse ser motivo para reflexão na sociedade portuguesa a todos os níveis, para lá dos aspectos económicos e políticos que esta questão envolve. Estamos a referir-nos a uma reflexão sobre a forma socialmente (ir)responsável como gerimos as “empresas” que todos temos a nosso cargo.

Assim, chamando isto para um terreno próximo da acção vicentina, a causa principal desses problemas foi que os empresários e gestores que os provocaram, mais quem os ajudou nisso tudo, pura e simplesmente não cumpriram o primeiro mandamento da Lei de Deus. A consequência dessa irresponsabilidade social na gestão das suas empresas foi de que, com isso, causaram mal a muitos.

Esses acontecimentos parecem muito distantes de nós e do comum das pessoas, porque estamos longe da riqueza e

do poder desses empresários, gestores e de quem mais tem responsabilidades no que tem acontecido nesses grupos financeiros. Se nos detalhes das formas desta situação concreta é assim, não é assim no essencial. Nós também temos todos as nossas “empresas”, ou seja, também temos todas organizações e actividades de que somos responsáveis exclusivos, ou co-responsáveis. Por isso, também temos todos duas maneiras de exercer essas responsabilidades: ou fazê-lo pensando no bem estar dos outros e, com certeza, também no nosso, ou pensando só no nosso, esquecendo, ou instrumentalizando os outros. Já se sabe que quando seguimos este segundo caminho, alguém vai sofrer com isto.

Na vida das nossas Conferências há várias formas que esta situação pode assumir. Uma delas, que acontece com alguma frequência e que nos ocorreu há uns dias atrás, é quando as pessoas que acompanhamos e ajudamos, nalguns casos, são elas próprias que se esquecem de pensar nas outras que também



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Realizámos o nosso encontro anual em 29 de Junho. Foram eleitos os Órgãos Sociais, tendo ficado assim constituídos: *Mesa da Assembleia*: António Sousa, Paulo Neves e Vítor Jorge; *Conselho Fiscal*: Manuel Machado, Carlos Santos e Ricardo Santos; *Conselho Executivo*: José Martins, João Fernandes, António Fraga, José Domingos e José Silva.

Gostaríamos que estivessem nos Órgãos Sociais um maior número de elementos jovens, mas já se conseguiu uma apreciável renovação. Esperamos que os frutos sejam promissores.

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Julho,
23.325 exemplares**

A Assembleia decorreu com respeito e com firmeza da parte do presidente da Mesa, o que proporcionou que os trabalhos decorressem com ordem e eficácia, tendo terminado antes do almoço. Levantou-se a questão de diferenciar gaiato antigo e associado. Gaiato antigo é todo aquele que assume, que Casa do Gaiato moldou, em parte, a sua vida; associado é apenas quem quer aceitar e respeitar os deveres e direitos de sócio e se enquadra no âmbito da Associação. Nos nossos encontros uns e outros são sempre bem-vindos e acolhidos, mas, como é lógico, os direitos e deveres são diferentes.

A Associação terá a eficácia que resultar do somatório das acções de todos os associados e não apenas dos Órgãos Sociais. Dêmos cada um de nós o melhor contributo e todos ficaremos mais satisfeitos com os resultados.

Agradecemos a colaboração de todos os que a prestaram, mas destacamos a muito generosa e sempre pronta da nossa Casa Mãe, nas pessoas por ela responsáveis; o senhor Padre Manuel e a senhora Dona Nazaré. Não podemos deixar de agradecer aos nossos cozinheiros, João Bandarra e Rosa Ribeiro, bem como aos proprietários da Pastelaria do Parque, de São Martinho do Bispo, Coimbra, que nos ofereceu quatro grades de garrafas de água.

O encontro decorreu de forma muito agradável. Deu-se a interessante coincidência de uma concen-

tração de entusiastas por automóveis Mini, que deram colorida e sonora particularidade naquele dia.

Gostaríamos de lembrar de que foi feita uma actualização do ficheiro, na sequência da carta/inquérito enviada a todos os inscritos com morada válida. É possível que nessa actualização possa ter havido alguns lapsos/erros. Solicitamos a todos os que deixaram, de receber a nossa correspondência e queiram manter-se como associados que entrem em contacto connosco para que sejam feitas as respectivas actualizações/correções.

Está reservado o espaço da Senhora da Piedade de Tábuas, Miranda do Corvo, para o encontro/convívio de Setembro, dia sete. Fechamos assim o círculo dos locais onde Pai Américo realizou colónias de férias para crianças e jovens. Faz por estares presente e leva farnel. Será certamente, como de costume, um dia bem passado.

Desejamos, a todos, férias repoussantes.

Damos conhecimento de que no dia 27 de Julho foi a sepultar o nosso associado, Manuel Ferreira Albuquerque Veiga. Estivemos presentes, em representação pessoal e da Associação, um número significativo de associados. Pedimos a Deus, para ele, a graça da entrada no Seu Reino, para a esposa, filhos, restante família e amigos, a força e coragem necessárias para enfrentar este período de luto. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

ENCONTRO — É já nos próximos 6 e 7 de Setembro e tem lugar na casa de praia da Casa do Gaiato de Setúbal, no Portinho da Arrábida.

Sábado, pela manhã será a recepção de boas vindas a todos os que nos queiram honrar com a sua presença, seguindo-se o almoço que, como vem sendo hábito, terá a apresentação dos dotes culinários do que os presentes levam e partilham.

A missa será ao fim da tarde, celebrada pelo nosso Padre Telmo, que nos honra, mais uma vez, com a sua presença, seguindo-se o jantar, tempo para confraternizar e preparar para pernoitar.

Na manhã de Domingo, tempo para um belo passeio de desfrutar das belas paisagens da Serra e das límpidas águas do Portinho da Arrábida.

Um pouco antes do almoço, tempo para a habitual reunião, para a passagem do testemunho organizativo do encontro do próximo ano, e as despedidas habituais.

Se estiveste em alguma das nossas Casas de África — Malanje, Benguela ou Maputo — aparece aos nossos encontros anuais, para celebrar os bons tempo da nossa juventude — e actuais. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Férias

QUANDO os rapazes têm férias, o nosso trabalho multiplica-se.

É não só a sua actividade fora de portas e muito tempo livre, como o cuidado com a higiene, alimentação e entretenimento.

Mas há mais. Com as casas vagas é anualmente necessário dar volta ao mobiliário e, de tempos a tempos, às próprias paredes e portas.

Este ano, retocámos e pintámos as casas dos pré-adolescentes e dos adolescentes, cada uma com cerca de quinze rapazes, a casa 3 e a casa 4.

Os quartos ficaram, cada um, com três camas, três mesas-de-cabeceira, um conjunto de cabides colectivo e um pequeno guarda-roupa.

A malta neste período de crescimento, cria muitas quezílias uns com os outros e as brincadeiras surgem repentinamente, estragando muito e é fundamental para educar e exigir, ter tudo em ordem.

Valeu-nos a ajuda de algumas senhoras já formadas no contacto connosco que nos deram semanas, um mês, das suas férias, assumindo as tarefas domésticas e dando uma presença feminina e maternal aos rapazes. Duas vieram com os seus maridos. As outras eram uma viúva e outra solteira, mulheres mais disponíveis e já habituadas a uma doação silenciosa e completa.

As casadas tiveram a ajuda e o apoio dos maridos e, como em suas casas, deram quanto podiam.

Vieram por Amor de Deus, presente em cada rapaz e em cada

criança e trabalharam de graça, isto é, para alcançar com mais fatura a Graça Divina!

Pomar

O nosso pomar de laranjeiras está a recompor-se do abandono a que o votaram. Embora o seu fruto não renda no mercado valor relativo ao trabalho imposto, a moldura verde, com que nos envolve no Verão, o perfume primaveril, a beleza da cor do fruto contrastante com o escuro das folhas, mais o encanto imaginário dos ninhos e dos passarinhos para os rapazes, agarraram-me a ele com todo o carinho.

Tanto as laranjeiras como as videiras, são árvores que exigem poda. Aquelas quando pequenas precisam todos os anos, para formar bem a copa, de um arranjo e da limpeza de novos rebentos. As mais velhas, pelo menos, de dois em dois anos, requerem também

o mesmo trabalho para as abrir à aragem do vento desinfectante, lhes cortar os ramos secos e limpar as crescenças que rebentam por cima e por baixo dos ramos.

É um trabalho que gosto de ensinar aos rapazes, pois, deste modo, lhes lembro quanta poda exige, em cada um de nós, o crescimento.

A poda das árvores, transforma-se, assim, num elemento e objecto educativo.

Neste tempo de calor, três rapazes enchem de água as caldeiras largas das laranjeiras, aprendendo, assim, que as árvores também têm sede e precisam de água, para se alimentarem. É uma forma de os prender à terra. A Mãe Terra que nos dá tanta coisa e que eles aprendem intuitivamente.

Um grupo dos mais pequenos, arranca as ervas daninhas, que comem o alimento e bebem a água pertencente às queridas laranjeiras. Tudo é educativo. Tudo prende à terra. Tudo equilibra. □



CUIDAR DO «OUTRO»

Padre João

NO sábado passado fui celebrar, como habitualmente e de forma alternada com Padre Acílio, ao Lar da Ordem Terceira do Carmo. No fim da celebração, enquanto aguardava pela gentileza de uma enfermeira para me dar uma injeção e, pressentindo alguma demora, subi no elevador para visitar alguns doentes e idosos ali residentes. Digo «residentes», porque me parece mais digno e humano este termo que o de «internados». No meu caminho cruzei-me com uma grande fila de cadeiras de rodas. Uma sensação desconfortável, confesso, assomou ao meu espírito: «poderia, ou poderá ser, um dia, aquele o meu lugar, também...». O confronto com a realidade do sofrimento, o «temor» da dependência e da debilidade torna-nos tão confusos e tão pequeninos...!

Quase todas transportavam senhoras. Uma delas, conhecendo-me, apressou-se a cumprimentar-me efusivamente e, estendendo as suas mãos ao encontro das minhas, não parava de as beijar, reverentemente, enquanto eu tentava furtar-me, confuso que

ainda estava diante daquela fila de gente sofredora. Eu também ali estava ou ia a caminho... A condição humana tem destas coisas. A referida senhora disse-me que queria confessar-se. Abriu a sua alma pura e bela para Deus e as confidências, como cascata escorrendo pela montanha: - «que só desejava amar mais a Deus; que a maior dor de contrição era não o fazer de forma perfeita, como tanto desejava...». Diante disto desejei tanto que ela me abençoasse também enquanto recordava a atitude orante dos Pastorinhos de Fátima ao soletrarem a Oração do Anjo antes de comungarem o «Jesus Escondido»: «Meu Deus eu creio, adoro, espero e amo-Vos, peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam...».

Em muitos destes nossos irmãos esconde-se, não só uma imensa fome da ternura amorosa de Deus, como de afecto humano, dos familiares, filhos, netos, amigos e tantos outros que, discretamente se tornam próximos, a começar pelos profissionais que diariamente os assistem, como

verdadeiros «cireneus», tornando o «lugar» do sofrimento um «sítio» onde «cada padecente leve mas não arraste a sua cruz dolorosa» — utilizando uma expressão lapidar do Padre Américo a este propósito.

Esta manhã a Renascença dava a conhecer um estudo segundo o qual os nossos jovens acolhidos nas mais variadas instituições ao passarem para a «autonomia», sentem-se perdidos e embaraçados... Era preciso estudar e preparar melhor esse momento inevitável e salutar para que eles não venham a experimentar, o que classificam, de «um segundo abandono...», os especialistas, desta área da educação.

Nunca é demais recordar que o grau de maturidade de uma sociedade se manifesta no modo como se educam as crianças e os jovens e se cuida dos mais frágeis, doentes, idosos e tantos outros em situação de pobreza e marginalidade. Todos sabemos que há um longo caminho a percorrer para atingir níveis de satisfação que os de excelência ainda não passam de uma miragem. □

SINAIS

Padre Telmo

O comer da manhã foi jinguba cozida. Mamã arrumou os filhos pequenos e pôs o bebé nas costas — bem seguro com o pano. Logo a caminho da lavra, caminho e carreiro. A mulher à frente com as crianças. O Gaspar, pai, atrás dez metros, baloiçando a catana.

Nas mibangas compridas arrancam as ervas e aconchegam a terra. Já tarde, mastigam mandioca.

No regresso a casa, o mesmo carreiro, igual caminho, a mesma ordem.

Não há mais longe nem mais espaço — o mesmo horizonte.

As cabras regressam também, os dois coelhos brancos esperam as ervas que os meninos trazem.

Mamã acende o lume para o funje da ceia. Logo a seguir, os luandos estendidos no chão varrido para o sono da noite.

O escuro fechou. As estrelas brilham. Mais longe, nas matas, os pios nocturnos.

* * *

O Ministério da Educação ocupou a nossa Aldeia do Gaiato em 1978. O Estado deu-nos a fazenda da Carianga e para lá fomos viver, eu e alguns dos mais velhos. De novo, em 1991, viemos ocupar a nossa Casa do Gaiato. Reparámos a habitação da Carianga e pusémos à disposição para Retiros, reuniões e escutismo. Não resultou.

A salalé aproveitou o abandono, subiu e comeu o forro de contraplacado que tínhamos colocado com tanto carinho. A seguir, foram os morcegos que tomaram conta... Conseguimos expulsá-los. Ocupamos, de novo, e já conseguimos fazer algumas reuniões e Retiros. Vamos continuar e aproveitar o nosso «lugar deserto».

* * *

O João veio, há dias, a pé pelo caminho de ferro, que ia para Luanda. Alguém o informou que a dez quilómetros estava a nossa Aldeia e bateu-nos à porta. Ficou.

Por duas vezes o apanhei já em brigas e palavrões de tombar um penedo. Afaguei-lhe uma orelha e fiz-lhe ver que aqui não há penedos. Olhou para mim como quem olha para uma nave a subir ao espaço.

Vai compreender que não havendo guerra não precisa de canhões.

* * *

ESTÁ-SE a preparar um contentor para levar leite e conservas para os meninos da Casa do Gaiato de Malanje. Se mandares uma ajudazinha para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, agradecemos. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

profundo do Filho de Deus, feito Homem verdadeiro, na sua extrema pobreza. E até quase solidão... Não fosse Aquela que O trouxe no ventre (*Sim!*) estar ao pé da Cruz: *Eis aí o teu Filho!*

Enquanto muita gente ia procurando a frescura das águas para afastar ou aumentar o stress, fomos testemunha de um encontro privilegiado e forte, pela sua dureza e candura. Em duas penas: um menino, que beneficiou temporariamente do carinho do ninho onde se protegeu, teve possibilidade de regressar. À hora marcada em que o transporte dava sinal de partida, não se cortaram mesmo as amarras. Nós vimos e é verdadeiro: cabecita para baixo e bagadas de lágrimas, de saudade e amizade, caíram pesadas no chão, enquanto choram-ingava para dentro...

Não resistimos a ver, naquele dito momento e no choro inocente de tantas crianças, a sua explicação no coração trespassado de Jesus, segundo o Padre H. Balthasar, grande teólogo suíço: *Uma renúncia ou dor só pode ter sentido e ser frutífera porque quem sofre foi tornado, primeiro, filho de Deus pelo Filho eterno.* Não era nosso propósito chegar logo tão Alto; porém, aquelas lágrimas inocentes, salgando o chão, convidaram-nos a olhar para O que foi levantado da terra e a todos quer atrair. Mesmo com pouca fé, salvai-nos, Senhor! □

PENSAMENTO

Pai Américo

A eloquência do pedir não é de forma nenhuma o fruto de saber falar, mas sim do amor àqueles por quem se pede. O Filho do Homem foi sempre atendido, por muito amor: «Pai Celeste. Eu sei que sempre Me atendes».

in *Pão dos Pobres*, vol. IV, p 115

BENGUELA

Padre Manuel António

Gestos de generosidade

O egoísmo é o grande inimigo da generosidade. E tem muita força. Se cada um de nós conserva egoisticamente para si aquilo que tem, com receio de que um dia lhe falte o necessário, haverá sempre fome no mundo. A resposta é uma só: Dar do que tem, muito ou pouco. Quem dera nos deixemos invadir pela beleza do Amor que enche o coração. Deste modo, somos levados a entregar aos mais necessitados que nos batem à porta o que temos possibilidades de dar, ainda que nos pareça pouco. A propósito, estou a lembrar-me daquela cena do Evangelho que nos conta como Jesus matou a fome a milhares de pessoas. O discípulo apresentou o que tinha: Cinco pães e dois peixes. É o símbolo da totalidade. Que cena tão comovedora e cheia de luz para as nossas vidas! A generosidade não deve ter limites. Quando cada pessoa puser à disposição dos outros que são pobres e miseráveis aquilo que possui, o prodígio acontecerá.

Nesta hora muito difícil por que a nossa Casa do Gaiato de Benguela está a passar, uma notícia alegre bateu à porta. Dois homens sorridentes trouxeram um documento bancário a anunciar o depósito numa ajuda generosa para a nossa vida. A grande e boa amiga Maria Ângela, que não está, neste momento, entre

nós, foi o coração que poisou em nossa Casa. A alegria e a esperança foram alimentadas por este gesto de amor. Que Deus derrame a sua bênção sobre a generosidade desta mulher admirável. Estas migalhas fortes vão alimentando o nosso viver diário. De igual modo, outra comunicação nos dizia que tinha chegado a hora da entrega dum ajuda prometida, há muito tempo. A nossa Casa do Gaiato de Benguela vive das esmolas dignas, mais pequenas e maiores, que os corações generosos nos dão. Vamos continuar, animados, também, pela intercessão de Pai Américo que continua muito vivo no meio de nós. Esperamos, ansiosamente, pelos meios necessários para resolver o problema de abastecimento de água à nossa agricultura. De igual modo, a recuperação das casas de habitação dos nossos filhos que, também, são vossos. Ai de nós se assim não fosse! Por esta razão, os mais pequeninos vos enviam um beijinho, com muito carinho, quinzenalmente. A generosidade não deve ter limites.

Hoje, Domingo de manhã, tivemos a reunião dos nossos chefes. É, sem dúvida, um dos momentos muito importantes da vida da Casa do Gaiato. Os chefes são as colunas sobre as quais assenta o edifício familiar. O ambiente será tanto mais saudável, na dimensão

humana, quanto mais recto for o comportamento dos chefes. É necessária uma revisão regular para que sejam corrigidas as anomalias que afectam o bom andamento da vida comunitária. Assim aconteceu nesta reunião. Alguns não acompanhavam a vida dos Rapazes, de acordo com a obrigação assumida. Por isso, havia sectores que estavam a ser afectados negativamente. O tempo do estudo, os grupos de trabalho, outros aspectos da nossa vida, confiados aos cuidados dos chefes respectivos, necessitavam de correr melhor. O projecto educativo de Pai Américo para as Casas do Gaiato dá um lugar especial ao dinamismo participativo: De Rapazes, Para Rapazes, Pelos Rapazes. O último ponto é original e essencial. Os chefes situam-se na sua concretização. Dada a necessidade dum maior eficácia na acção renovadora dos chefes, foram convidados dois Rapazes mais velhos, com a sua família já constituída e seus filhos, para darem a sua colaboração, nos tempos livres que têm. Deste modo, com a sua experiência recebida na Casa do Gaiato, no seu tempo, e o grau maior de responsabilidade que têm, vão dar a sua ajuda ao melhor ordenamento da nossa vida. Esta inovação constitui uma base de muita esperança. Chamam-se Dito e Bebeto. Tenhamos muita confiança. Com um beijinho dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela para todos vós, ficamos sempre à espera da vossa ajuda. □

VINDE VER!

Padre Quim

Ligeira aflicção

OUTRA vez o problema da escola. Não propriamente enquanto instituição, mas, ela, ligada à preparação do rapaz para vencer os desafios futuros. Fora dos nossos limites geográficos, expressão forçada pelo facto de não se poder falar ainda de um muro, por falta de apoio para o levantar, os rapazes que vão às escolas de fora, dando continuidade aos estudos posteriores à sexta-classe e fascinados pela falsa ideia de liberdade e ondulados pelo egocêntrico mundo do adolescente, espreitam o perigo das más companhias. É aqui onde a boa semente lançada à terra é sufocada pelo joio. É nesta hora derradeira que, por tanto se ter amado, muito se tem de sofrer. Nas Normas de Vida dos Padres da Rua, precisamente no nº 36, lê-se a seguinte nota: «os Padres são por natureza o Pai de família, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra». O Miguelito não se apresentou para as provas de

Português e laboral. Apareceu cedo em Casa, sem o uniforme e sem o dever cumprido, e com a agravante de andar, pelo segundo ano consecutivo, na oitava-classe. Com a idade a exceder a norma escolar, ainda não foi para as oficinas. Veremos a habilidade que terá para as artes que lhe estão reservadas. Por agora, tem jeito para cuidar dos animais, os cães que temos em Casa, são todos dele e à hora do almoço no cantinho do seu prato deixa sempre um pedacinho para os seus amiguinhos, que não estão permitidos entrar no refeitório. A sensibilidade está pronta e afinada. A escola e as notas nem tanto quanto aos seus bichinhos de estimação. Quem sabe cuidar dos animais inferiores ao homem não estará longe no bom trato para com as pessoas.

O novo edital já foi apresentado à comunidade para a reorganização das actividades diárias de cada rapaz. Desde o maior ao menor, todos temos deveres a cumprir. Não só para garantir os

direitos, mas para a formação da consciência recta e saudável do rapaz, para que amanhã, quando for enquadrado na estrutura social, seja um indicador de justiça para os outros. É na medida em que se põe a render os talentos que merecemos os privilégios. Com a colaboração dos chefes e segundo o que ficou acordado na última reunião, o acompanhamento será maior quer nas escolas lá de fora como nas actividades comunitárias internas. A dispersão é um mal para a malta jovem, a ociosidade é o inimigo que rouba a possibilidade do progresso humano, cristão e social. Nem uma nem outra as queremos perto dos rapazes.

O maior é o servo de todos, como assegura o Mestre. Quem for o servo de todos, será o maior no Reino dos Céus. Os grandes deste mundo não O entenderam e perseguiram-nO até à morte. Era a hora de ponta da revolução dos esquemas de exploração do homem pelo homem. É reconfortante ver os frutos da nossa sementeira educativa a crescer no campo social. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

VISITAR os pobres é uma necessidade para integrar o meu dia-a-dia no espírito evangélico. Cada vez percebo melhor a característica messiânica de Jesus perante os emissários de João Batista: — *Os Pobres são evangelizados* — responde o Mestre ao homem que professou a sua pobreza na austeridade do deserto, comendo gafanhotos e mel silvestre e cobrindo-se de peles de animais.

A pobreza, na verdade, faz parte essencial do Evangelho, de tal modo que segundo a palavra de Jesus, quem não tiver um coração de pobre, muito dificilmente percebe a missão do Salvador. *É como meter um camelo no fundo de uma agulha.*

Voltei de novo à Rua do Monte. Agora, ao prédio 7 e ao B31. Alguns dos seus habitantes já eram meus conhecidos por os atender, muitas vezes, com pedidos ordinários de alimentação na Casa do Gaiato. A súplica para restaurar o chão da cozinha foi o motivo principal da minha visita, satisfazendo o pedido mais instantâneo da mãe de família. Como sabia que não tinham fogão, levei-lhes um, de quatro bocas, com forno, em muito boas condições.

À janela do segundo andar vejo duas raparigas novas a acenar-me, indicando-me ser na sua casa, o fim da minha passagem pela Rua do Monte.

Desceram repentinamente e, a mais velha repetiu-me com persistência: — *Cuidado não caia. Estes degraus estão muito estragados e muita gente se tem aqui aleijado.* Apesar de não me agradarem estes reparos, os quais evidenciam também a minha debilidade motora, aprecio-os muito, por me revelarem o carinho dos pobres.

— *Estas cantoneiras são uma armadilha.* Apodrecidas e, em parte extintas, não só deixam a quina dos degraus partidas e escavadas, mas também se levantam aqui e além em tropeços ferrugentos, ainda não acabados de estragar. Acompanhavam-me dois rapazes meus que, após a vistoria rápida, voltaram ao carro, estacionado na rua, buscar o fogão.

A gente fica tolhido. Como é possível governarem-se apenas com um grelhador eléctrico e, com ele, fazer comida para tantas pessoas!? Mas é a verdade que eu constatei com os rapazes.

Quando me sento à mesa, posta pelos meus, mas limpinha, e saboreio a nossa riquíssima sopa e o segundo, sempre tão bem confeccionado, não posso deixar de agradecer a Deus! E pensar nos pobres que comem tão mal!

Quando me lembro daqueles milhares de pessoas que se banqueteiam nos hotéis e restaurantes e nalguns são servidos com os mais severos requintes, sinto uma urgência dominadora de lhes pregar estas carências de outros tantos milhares.

A mãe não estava. Disseram que tinha ido a uma consulta. Afinal o chão da cozinha e da sala que é o mesmo compartimento, estão estragados mas não é tão urgente a sua reparação como me haviam pintado. Os ladrilhos apesar de terem muitos partidos, não estavam descolados, bem agarradinhos ao chão, sem qualquer falha. Do chão tirei o sentido. Por agora não. Aquele ainda serve. Outros pisos de famílias, em pior estado, terão precedência. As janelas sim, pois a casa não tem janelas. Um grande armário de sala, terminava num bar em redondo, evidenciando a burguesia de quem lho havia dado, por velho.

Uma mesa oval, muito velha, carcomida e oscilante rodeada de quatro cadeiras estafadas e diferentes, arrancadas talvez do lixo, desarranjavam a mobília da sala.

Hei-de levar-lhe cadeiras, que me deram de uma esplanada, um guarda-roupa e uma cómoda.

A família é uma promiscuidade. Filhos, genros e netos, juntos e solteiros moram todos no mesmo andar. Crianças e velhos, adolescentes grávidas, convivem com os outros familiares numa aparente normalidade que nos devia repugnar.

— *Já viu o que um brasileiro fez à minha menina, na escola* — desabafava em pranto a mãe mais velha pondo a mão na barriga alongada da adolescente. — *E olhe que fugiu!... E ninguém sabe dele!...*

«*Eram como ovelhas sem pastor*», dizia Jesus das multidões que o seguiam. Sim. Eram e são.

Como é evidente a falta de pastores nestas famílias.

Ai Ozanam, como entendeste bem este abandono!...

Ai tanta gente agarrada ao mundo vazio que cada vez mais a esgota, no desalento e na vaidade.

Enquanto descia a nojenta escadaria, devagar e com cuidado, a minha cabeça e a minha fé, trabalhavam intensamente. Como é possível, Meu Deus!

Ouçó falar de um movimento para acabar com a pobreza na Europa. Alguém acredita nisso? Nem os que se dizem comprometidos.

A miséria vence. A miséria reproduz abundantemente miséria. A pobreza mesmo extrema ultrapassa-se com trabalho e economia, mas a miséria dá cabo de tudo. Ela esmaga. □